

PREFÁCIO

Com total liberdade toco em segredos para os quais não existem palavras e que só a cinematografia pode patentear.

Ingmar Bergman

A revista Olhares nesta edição de 2020, de certa forma, desmaterializou as textualidades vigentes dos consensos e das convenções tecnicistas, não como ato de bravura ou de rebeldia. Mas, em relação ao que conferem os estudos que contemplam as pesquisas acadêmicas. Como prosperar caminhos de exatidão nas ranhuras de um ano colapsado? Como não sair dos trilhos, das vielas, das brechas lançadas nos muros, nas contaminações de todas as ordens?

Questões estas, que permeiam multidisciplinarymente os textos dos autores aqui contemplados, sejam em articulações e desarticulações teóricas, em inteligibilidades sensoriais ou em dinâmicas de visibilidades intrínsecas das zonas performativas que decantam os universos criativos do pensar dentro e fora das universidades. A importância desta publicação está no caráter do registro, no sentido mesmo de uma perspectiva documental, que perscruta, simbioticamente, os organismos os quais povoam as corporalidades do corpo que pensa e do pensamento que se incorpora às circularidades do tempo, num eterno retornar-se, como bem vislumbrou Nietzsche.

Deste modo, os artigos, ensaios, resenhas e textos artísticos selecionados aqui, lançam-se abertamente aos encontros febris dos conectores de átomos falantes, dos bailados das palavras que projetam suas representações ansiosas, das razões que suplantam palavras em novas outras e outras palavras que se alargam nas dimensões que somente o que se espera de um presente aparentemente sem futuro, futuro se faz na remodelagem do caminho escrito: do que se escreve, do que se preserva enquanto materialidade porosa das leituras que habitam as historiografias de todos nós.

Eduardo Reis Silva*

* Doutorando em Artes Cênicas UFBA, Mestre em Literatura e Crítica Literária (PUC/SP), Editor chefe da Revista Olhares.